

Estudos da Língua(gem)

A linguagem em questão: *um recorte inter, multi e transdisciplinar*

Corpo e linguagem

Body and language

Antonio Quinet*

Universidade Veiga de Almeida (UVA –RJ/Brasil)

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPESJ/Brasil)

Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ/Brasil)

Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL/Brasil)

RESUMO

O corpo imaginário não é apanágio do corpo humano, pois como *res extensa* ele pode ser medido e pesado como qualquer objeto do mundo fenomênico: corpo, cadeira, mesa, lápis. Assim como se pode descrever suas características e atributos como de qualquer objeto. O corpo humano é mais um objeto do mundo fenomênico. O corpo simbólico não é tampouco necessariamente o corpo vivo, pois o cadáver também tem essas características. Ele está preso na cadeia da linguagem e é mortificado pelo significante mapeia o corpo e nele escreve a história e a anatomia histórica próprias a cada um. O corpo é um corpo *histórico*. Mas esse corpo pode estar morto ou vivo, estar calado no silêncio da pulsão de morte ou vibrar com Eros. Para estar vivo este corpo precisa ser também um corpo que goza. Deste modo o corpo está nos três registros: no imaginário do espaço, no simbólico da linguagem e goza como corpo real.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Imaginário. Língua. Gozo.

ABSTRACT

The imaginary body is not an appanage of the human body because as res extensa it can be measured and weighed as any object of the phenomenal

* Sobre o autor ver página 87-88

world: body, chair, table, pencil. Similarly, one can describe its characteristics and attributes as the ones in any other object. Therefore, the human body is another object of the phenomenal world. The symbolic body is not necessarily the living body because the corpse also has these characteristics. The body is stuck to the chain of language and is mortified by the signifier as it is taken to the symbolic register. The signifier maps the body and it writes in it both the history and the hysterical anatomy of each one. We might as well call it a hysterical body. However, this body can be dead or alive, quiet in the silence of the death drive or vibrating with Eros. In order to be alive it also needs to be a body that enjoys itself. Thus, the body belongs to the three registers: the imaginary space, the symbolic language and the enjoyment a real body can have.

KEYWORDS: *Body. Imaginary. Language. Enjoyment (jouissance).*

1 Introdução

O corpo humano está no mundo sensível da *res extensa*, como os outros corpos do mundo empírico, império dos sentidos, e visto com seu peso e sua medida. Ele traz uma marca própria que o permite colocar-se numa cadeia significante. O corpo, portanto, tem forma e está no espaço, aparece no espelho e pode ser tocado, manipulado como o corpo de qualquer objeto, e pode ser partido, despedaçado.

O corpo tem nome, assim como suas partes, como o demonstra a anatomia. O corpo imaginário e simbólico não é necessariamente o corpo vivo, pois o cadáver também tem essas características.

É do corpo mortificado que trata a ciência, mas não é desse corpo que trata a psicanálise. O corpo, para a ciência é *corps* (*Abram os cadáveres!*), carne pesada (*Emagreça!*), extensão medida (*O hipocampo diminuiu!*), conjunto de órgãos (*Trafiquem rins, fígados e olhos!*), biomáquina (*Tratem seus transtornos!*).

O que confere a vida ao corpo é a pulsão — eco no corpo do dizer do Outro. Assim, o corpo é a tela da pulsão escópica — como se pode ver cada vez mais hoje em dia com a moda da tatuagem e o *body art* no campo das belas artes. A face deixou de ser o lugar único para a pintura corporal. De os caras pintadas, como derivação da maquiagem, passamos aos troncos pintados, braços pintados, bundas pintadas etc. A tatuagem mostra o copo tela para a pintura do olhar do Outro.

O corpo também é o tambor da pulsão invocante que dele faz um corpo dançante. A música do Outro, a que chamamos de voz, entra no corpo e

o faz dançar desde um simples tamborilar dos dedos até o teatro-dança da Pina Bausch. O corpo tem balanço — balanço do mar como dizia Vinicius de Moraes —, mas esse balanço são as ondas sonoras que o poeta captou na música que fazia a garota de Ipanema balançar seu corpo a caminho do mar.

Imaginário, constituído pela imagem especular através do espelho dos ideais do Outro, o corpo é o eu, tecido de linguagem, pois ele se incorpora ao grande Outro — que é o primeiro corpo, prévio, corpo simbólico, lugar da linguagem que não se distingue do lugar do Inconsciente.

O corpo está preso na cadeia da linguagem e é mortificado pelo significante ao ser tomado no registro simbólico. O significante mapeia o corpo e nele escreve a história e a anatomia históricas próprias a cada um. O corpo é um corpo *histórico*. Mas esse corpo pode estar morto ou vivo; estar calado no silêncio da pulsão de morte ou vibrar com Eros. Para estar vivo, este corpo precisa ser também um corpo que goza. Deste modo o corpo está nos três registros: no imaginário do espaço, no simbólico da linguagem e goza como corpo real.

Mas, afinal, o que é o corpo para psicanálise?

Histerossomática — eis o termo que proponho para abordar o corpo na psicanálise. Esse termo especifica e diferencia a concepção da carne feita corpo do fala-a-ser. A histerossomática é a disciplina que verifica que o inconsciente engata no corpo e que o sujeito — que é, propriamente falando, histórico — é o inconsciente em exercício. A histerossomática tem por base a *linguística*.

O sujeito da psicanálise não vai sem o corpo, assim como não há corpo humano sem sujeito, conforme mostra e demonstra a histerossomática. “O corpo”, indica Lacan ([1970] 2003, p. 407) em “Radiofonia”, “é o suporte da relação do sujeito com o significante”. Sem esse suporte não há sujeito (não há sujeito de um corpo morto). O corpo como suporte do sujeito pode ter diversas manifestações linguísticas, pois se trata de um “corpo falante” (LACAN, [1972-73] 1982, p. 100).

O Outro da linguagem tem corpo, mas não existe. O que confere existência ao corpo humano é o gozo, que segundo a definição de Lacan, é a “relação do ser falante com o seu corpo” (LACAN, [1971-72] 2012, p. 21). O ser falante não só tem um corpo como ele é um corpo. O ser humano é um “corpo falante”. E esse corpo é sede de língua. Só através dela é que a linguagem existe para fazer falar um corpo que goza. E é através do sintoma que língua — ou seja, daquilo da língua materna que se deposita no corpo como gotas de gozo para um ser humano — faz do corpo um corpo falante.

Lacan ([1972-73] 1982) brinca, em O Seminário 20, com as palavras da língua francesa para evocar a diversidade das explicações sobre o corpo e ironiza a neuropsiquiatria: quando se supõe um pensar secreto, o corpo produz secreções; quando se supõe um pensar concreto, ele produz concreções.

Assim, o corpo lalingueiro é o corpo do ser falante, o corpo do falasser, aquele que está preso e determinado pelos significantes da língua materna que se depositaram para aquele sujeito produzindo secreções, concreções, em suma, *sinthomas*. É o *corpo falante*, o corpo da linguisteria, ou seja, dessa padaria ou marcenaria de língua onde se fabricam os corpos humanos. Portanto o corpo falante é linguístico, sede de lalingua que se corporifica no *sinthoma* como um acontecimento do corpo.

O *sinthoma* é a marca deixada pela chuva de letras de lalingua no corpo. “Aprende-se a falar e isso deixa marcas [...], consequências que não são outra coisa senão o *sinthoma*.[...]. A análise consiste em dar-se conta que temos esses *sinthomas* (LACAN, [1977-78], lição de 10/01/1978. Inédito). O *sinthoma* como letra á a marca de lalingua no corpo, marca que, como um umbigo, une o corpo falante ao Outro da linguagem. Esse umbigo, nome do real do inconsciente em Freud, é um mistério — mistério do corpo falante que uma análise não só permite ao sujeito dele dar-se conta como também lidar com ele — ao pé da letra.

O termo *somation* [injunção, intimação] equivoca com *somation* [somação], que diz respeito justamente ao corpo (*soma*, em grego). As intimidações significantes, do tipo “tu és...”, emitidas por aqueles que ocuparam o lugar do Outro para o sujeito, mãe, pai, avós etc., constituem as somações do físico do sujeito, as características de seu suporte corporal. Essas injunções são S_1 — o enxame [*essain*] de significantes mestres — que o sujeito recebe como ficções (fantasias, ideais) emitidas por esses outros.

Somação é um termo médico que significa aquisição, no curso do desenvolvimento, de características que modificam o soma sem modificar o germe, que é suporte bioquímico (cromossomos) do patrimônio genético. O corpo, com suas características significantes, é um corpo histórico formado pelos ditos do Outro. É também um corpo histórico constituído pelo retorno do recaiado. Há aqui uma generalização do sintoma histérico: não se trata de somatização, mas de somação. Eis o que nos faz propor o termo *histerossomática*, como disciplina, oriunda da psicanálise, para abordar o corpo. O sintoma dito conversivo faz o sujeito acordar — com o real pulsional —, rompendo a vigilância sonorífera da consciência. Com base na *histerossomática*, podemos pensar a psicanálise como uma “terapia corporal”,

pois ela atua sobre o corpo, uma vez que é neste que se dá a disputa entre o consciente e o inconsciente.

A *histerossomática* inclui o afeto, pois este é fundamentalmente corporal, não há angústia sem comprometimento do corpo: dor no peito, nas tripas, no coração, taquicardia, aflição. A paixão amorosa também é corporal: as pernas tremem, o coração dispara, a boca seca. O medo amarela, torna o corpo lívido, exangue e, muitas vezes, solta o intestino. Meçam os neuro-hormônios nessas horas — eles estarão certamente alterados em suas taxas. O que tratar (a causa ou o efeito) e como tratar (pelo discurso ou pela química) é uma questão ética.

Na histerossomática o corpo está em cena e se dá a ver ao outro — é um corpo-espetáculo que funciona para o próprio sujeito como uma Outra cena, um outro palco onde se passam vários quiprocós. Apresenta, portanto, uma dupla vertente: palco para si mesmo e palco para o outro, presença de um mais-de-olhar.

Na histerossomática, o corpo é também marcado por um mais-de-voz que embala, fura, mobiliza, arranca lágrimas como um adágio ou faz dançar como um samba. É um corpo que se excita com a voz, se acende, mas pode se apagar. A cantada vem mais do canto do que do conteúdo, depende mais da voz do que do dito. É também corpo comandado pela voz do supereu. Corpo, portanto, que se pinta com o olhar e vibra com a voz.

Nossos corpos estão encharcados de histeria. Pois são corpos histericamente históricos: marcados pelos acontecimentos significantes que vão não apenas deixando traços e sintomas (*événements du corps*), mas também moldando, modelando o corpo, pois o significante é a causa do gozo que retorna histericamente ao corpo. E é por isso que o corpo de que tratamos é da ordem do semblante e responde ao discurso do analista.

2 Lalíngua

O ser humano é um “corpo falante”. A *lalíngua* se refere àquela forma de falar do bebê (aproximadamente entre 1 ano e 2 anos e meio) que parece uma língua própria dele antes mesmo da articulação significante. A *lalíngua* é o balbucio, o tati-bi-tati, a lalação, termo do qual Lacan extraiu esse termo de *lalangue*. “A linguagem, que não tem absolutamente nenhuma existência teórica, intervém sempre sob a forma de uma palavra que seja o mais próximo possível da palavra francesa *lalation* (lalação): lalíngua (LACAN, [1975] 1988, p. 125)

Lacan inventa o termo *lalangue* a partir de um ato falho, ou de um chiste (o que dá no mesmo) com o equívoco entre Lalande e lalangue. Lalande é o nome do autor de um conhecido dicionário de filosofia em língua francesa. Lalangue, lalíngua, é justamente a língua que escapa do dicionário, na medida em que está para-além do campo semântico, para-além do sentido das palavras. Como veremos, é através do sintoma que lalíngua faz do corpo um corpo falante.

É a partir da *lalíngua* que Lacan ([1974] 1988, p. 104) fez sua nova definição do Inconsciente, nos anos 1970: “o Inconsciente é o saber inscrito na *lalíngua*” (La terceira, p. 104), ou como ele diz no Seminário 20, “o Inconsciente é um saber lidar com a *lalíngua*” (LACAN, [1972-73] 1982, p. 189-190). Isso não impede que o Inconsciente seja estruturado como uma linguagem, com suas leis que regem os circuitos do desejo. O *fallasser* está para a *lalíngua* assim como o sujeito está para a linguagem. Decifrar o Inconsciente é se confrontar com os enigmas trazidos por *lalíngua* que afetam o *fallasser*.

O sintoma, que não cessa de se escrever, é sustentado, diz Lacan ([1973] 2003, p. 556), “pelo jogo de palavras, de que lalíngua que me é própria [a de Lacan] preservou de uma outra”. Qual é essa outra lalíngua, de onde vem a lalíngua do *fallasser*? É a língua materna, no caso de Lacan, a francesa, que ele, por sua vez, recebeu como aluvião de sua mãe.

A linguagem se refere à relação de significante e significado, à substituição significante, ao deslocamento significante, à gramática, em suma, às leis do Inconsciente estruturado como uma linguagem, como a metáfora e a metonímia. O habitante da linguagem como morada, ou aquele que é habitado por ela, é o sujeito. A linguagem só existe através de *lalíngua* que faz falar um corpo que goza.

Como vimos, *lalíngua* é o que resulta para o sujeito do que lhe vem da língua materna. É a língua como idioma, o português, o francês, mas não só exatamente isso, ou não só o idioma. Lalíngua é aquilo que da língua materna o sujeito recebe como aluvião, chuva, tormenta de significantes próprios àquela língua idiomática e que se depositam para ele como material sonoro, ambíguo, equívoco, repleto de mal-entendidos, com diversos sentidos e, ao mesmo tempo, sem sentido. É o “depósito, o aluvião, a petrificação deixada como marca da experiência inconsciente por parte de um grupo”, diz Lacan ([1974] 1988, p. 89). Que grupo é esse? Grupo linguístico, grupo familiar.

O conjunto do que foi depositado dos equívocos é a língua. Cada língua tem seus próprios equívocos, e são intraduzíveis, como, por exemplo, a palavra “*effaçon*”, em francês, neologismo de Lacan: condensação de *effacer*

(apagar) com *façon* (jeito, maneira de), ou então *les arts* (as artes) que equivoca com *leopard* (lagarto). Em português, podemos evocar “a vez passada” que equivoca com “a vespa assada”, por exemplo.

Para Lacan, a lalíngua não é só da ordem da linguagem. Ela é feita de gozo (LACAN, [1974] 1988, p. 89) e fonte de “todos os afetos que restam enigmáticos” (LACAN, [1972-73] 1982, p. 189-90). O gozo contido na lalíngua faz com que toda ela, diz Lacan (1976-77. Inédito) no *Seminário L'insu que sait de l'une béveu*, seja uma obscenidade.

A interpretação psicanalítica relativa ao Inconsciente como saber da lalíngua é o equívoco, única arma, diz Lacan, contra o sintoma. A interpretação deve visar ao saber da lalíngua para reduzir o sintoma, pois a psicanálise é capaz de amansar o sintoma até a parte em que a linguagem lida com o equívoco. A interpretação como equívoco da lalíngua tem como objetivo um deciframento que se resume ao que constitui *a cifra do sintoma*.¹² Essa cifra é o que faz que o *sinthoma* seja o que não cessa de se escrever. Lacan propõe escrever essa cifra como função, $f(x)$. E o que é função? O próprio Lacan definiu em outro texto, em sete de outubro de 1973, que “Função é o que permite o ciframento” (LACAN, [1973] 2003, p. 556), em que “x” é a letra como cifra da lalíngua — eis o núcleo real do sintoma, aquilo do sintoma que é irreduzível. A letra tem a identidade de si para consigo e é da ordem do Um da lalíngua, que pode ser uma palavra, uma frase ou um esquema de pensamento (LACAN, [1972-73] 1982, p. 189-90). Portanto, a letra é a escrita como função do sintoma a partir da lalíngua.

A letra é da ordem do Um da lalíngua, a qual fixa o gozo do sintoma. O sintoma-letra provém do efeito do simbólico sobre o real, como, por exemplo, a palavra *raten* para o Homem-dos-ratos, significante equívoco da lalíngua alemã que constitui o núcleo real do sintoma da dívida e dos pensamentos obsessivos, como chama a atenção Colette Soler, no livro *A psicanálise na civilização* (SOLER, 1997) O *sinthoma* é o resultado da chuva da lalíngua que se cristaliza como a letra. Enquanto o significante traça as vias de circulação do gozo e o caminho da verdade, a letra fixa o real fazendo do sintoma a maneira de gozar do Inconsciente.

3 Corpo e lalíngua

São muitas as expressões idiomáticas que contêm uma parte do corpo para dar sentido metafórico ao que se quer expressar. Por exemplo, em português:

Língua: língua afiada; queimar a língua; língua solta; pagar com a língua; língua de trapo; lambear a cria; língua suja. *Pé*: pé-na-estrada; pé-de-boi; dar no pé; pé de atleta; pé-de-cabra; pé na bunda; a teus pés; pé na jaca; pé-de-chumbo; ao pé do ouvido; bater o pé; meter os pés pelas mãos; sem pé nem cabeça; jurar de pés juntos; em pé de guerra; ao pé da letra. *Mão*: na mão do outro; dar uma mão; mãos atadas; mão na roda; mãos limpas; mão na massa; mãos á obra; dar uma mãozinha; mão forte; mão pesada; mão-de-vaca; punho forte. *Nariz*: nariz em pé; torcer o nariz. *Boca*: boca fechada. *Cara*: cara-de-pau; cara-de-tacho; cara dura; ficar com a cara no chão; fazer caras e bocas. *Testa*: testa-de-ferro. *Cabelo*: cabelo duro; cabelo ruim. *Beijo*: fazer beicinho. *Cu*: cu de ferro; nasceu com o cu pra lua. *Braço*: braço direito; dar um de João sem braço. *Perna*: passar a perna; *break your leg*; pernas para que te quero.

O sinthoma é a marca deixada pela chuva de letras de língua no corpo. Lacan (1977/78, lição de 10/01/1978) diz, em *O Seminário: O momento de concluir*: “O simbólico deixa marcas; aprende-se a falar e isso deixa marcas... consequências que não são outra coisa senão o sinthoma [...] A análise consiste em dar-se conta por que temos esses sinthomas”.

Podemos pensar em Édipo — personagem central da tragédia de Sófocles, *Édipo rei* —, que carrega em seu nome e em seu corpo a marca do crime do pai. A ferida causada por seu pai ao furar-lhe seus tornozelos, para pendurá-lo como a um animal e expô-lo, e o edema que ocasionou, foi o que lhe deu o apelido de *Óidipous*, de *oiden*, edema nos pés. O apelido virou nome próprio e a ferida deixou-lhe coxo. Seu pé carrega um saber (*oida*) sobre o crime do pai o qual Édipo não quis saber — a desmedida do pai com seu real é aquilo que o filho, com força, não quer saber. O homem é o Édipo, filho de Laio, ele não quis saber da desmedida paterna.

Na tragédia, a Esfinge enunciava o enigma dos pés e equivocava com seu nome. “Tetrapous, dipous, tripous”, disse ela para Óidipous, que ao responder “o homem” suprimiu o suspense da verdade (LACAN, [1969-70] 1992, p. 159).

Édipo ignora que seu nome é uma letra que cifra um gozo, o gozo do Outro paterno: o “x” da função do sinthoma, ou seja, uma escrita do gozo do Inconsciente.

Óidipous, Pé inchado, é o signo do gozo do Pai que desejou matá-lo e do qual ele não quis saber; Óidipous, Pé que sabe, é a letra que confere a marca

do saber do real, saber do crime do pai da origem da Até dos Labdácidas — móvel do filicídio que faz de Édipo o objeto rejeitado do Outro — é selo de seu ser de objeto. Óidipous não acredita em seu ser de *sinthoma*, não acredita que seja capaz de um dizer, pois ele não quer saber que se trata aí de uma cifra de gozo. Eis porque erra em sua ignorância e fica escravizado pelo gozo do Pai, servo do destino. Édipo está preso à ignorância. O crime do pai real como gozo desmedido é transmitido como erro trágico que o filho carrega como Óidipous, o seu sintoma no pé.

Por um lado, encontramos a herança da castração que se transmite de pai para filho: Lábdaco, o manco, Laio, o torto, e Édipo, pé inchado. Por outro lado, há a transmissão da maldição que Édipo herda como lote do gozo do pai inscrito em seu nome e em seu corpo. Essa letra é o nome do gozo do pai real. O nome que condensa o gozo inscrito no enigma da Esfinge que Óidipous não ouviu. No lugar do pai real existe, diz Lacan, a ordem da ignorância real. (VERNANT, 1991) Édipo ao ser tomado pela paixão da ignorância sobre seu *sinthoma*, ou seja, aquilo que a língua depositou em seu corpo, encontra-se para sempre na *ignoerrância*.

Os dois fragmentos clínicos apresentados a seguir ilustram o *sinthoma*-letra depositado por a língua no corpo.

Circulação

Um paciente estava muito ansioso com a aproximação da data em que deveria entregar seu apartamento alugado. O proprietário nem lhe confirmava que ele poderia permanecer, nem que ele deveria partir. A angústia relativa à possibilidade de ser desalojado, despejado, cedia o lugar a preocupações com o corpo, ou seja, idéias hipocondríacas sem, no entanto, a angústia desaparecer totalmente. Ele havia investido muito naquele apartamento e não queria sair de lá e ter que ficar mudando de um lado para outro. E sua situação, atualizando a questão sobre o lugar no desejo do Outro, transformou-se em acontecimento do corpo, ou seja, um sintoma. Passou a sentir dores nas pernas e ficou imaginando que tinha problemas de circulação e temia não poder mais andar. Seu sintoma no corpo responde assim a seu desejo de permanecer e não circular.

Dor lombar

Outro paciente apresentou um “medo irracional da gripe suína” e não via à sua volta ninguém com um medo tão exagerado assim. Temia que a gripe suína fosse matá-lo ou matar algum parente próximo. Ao falar em análise que recentemente havia sentido uma intensa dor nas costas ao entrar no avião, lembrou que percebera que, com temor, no aeroporto havia muitas medidas de

precaução e alerta contra a gripe suína. Até que fez a associação de gripe suína – porco – lombo – dor lombar, e lembrou uma cena de infância na fazenda em que os porcos eram castrados com um torniquete com o qual os testículos eram arrancados provocando guinchos insuportáveis de se ouvir. Eram porcos escolhidos para a engorda e posteriormente o corte. Ao fazer essa associação o medo da gripe suína se atenuou e a dor lombar desapareceu. No entanto, vez por outra, esse ponto de dor retorna. Será que o dito “órgão de choque” de cada um não teria relação com o que a língua depositou no corpo?

As dores lombares o acometem hoje em dia, principalmente nas férias. Não é coincidência se era nas férias que ele ia para a fazenda e assistia ao ritual da castração suína. E era lá também que comia lombo de porco, ou seja, os leitões castrados e engordados. Recordou-se, então, de sua primeira dor lombar aos quinze anos, diagnosticada de ciática, durante as férias. Por outro lado, sempre teve horror de engordar. “Sempre tive dificuldade de lidar com pessoas gordas: homens e mulheres. Inclusive terminei com minha primeira namorada quando conheci a mãe dela e imaginei que ela iria ficar como ela, gorda.” Ele fez, em outra ocasião, uma associação entre transar, os movimentos fortes e a dor lombar. “Sexo, então, tinha sentido de imundice, de porcária, de chafurdar na lama, e depois se transformou em pecado a ser evitado”. Ele teme que a dor lombar, diz ele, “vá me jogar na cama, me internar, me impedir de ter sexo”. Seu sintoma lhe parece como uma pedra no caminho evocando todas as figuras da castração imaginária. Esse *lombo* é efetivamente irracional por ser uma letra que condensa um gozo e sua história como uma herança a ser transmitida. “Sempre previ um desastre que nunca veio. Por toda minha vida tive medo disso e deve ser relativo a essa cena em que ouvia os porcos gritando e seus testículos serem arrancados”.

O sintoma como letra á a marca de língua no corpo, marca que, como um umbigo, une o corpo falante ao Outro da linguagem. Esse umbigo, nome do real do Inconsciente em Freud, é um mistério — mistério do corpo falante que uma análise não só permite ao sujeito dele dar-se conta como também lidar com ele — ao pé da letra.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. Edição original: 1969-70.

_____. Radiofonia. In: _____ **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 400-47. Edição original: 1970.

_____. **O Seminário, livro 19:** ... ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012. Edição original: 1971-72.

_____. **O Seminário, livro 20:** mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. Edição original: 1972-73.

_____. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: _____ **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 550-6. Edição original: 1973.

_____. La Tercera. In: _____ **Intervenciones y textos 2.** Buenos Aires: Manantial, 1988, p. 73-108. Edição original: 1974.

_____. (1975). Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. In: _____ **Intervenciones y textos 2.** Buenos Aires: Manantial, 1988, p. 115-44. Edição original: 1975.

_____. **O Seminário, livro 24:** l'insu que sait de l'une béveu. Inédito. Edição original: 1976-77.

_____. **O Seminário, livro 25:** o momento de concluir. Inédito, 1977-78.

SOLER, C. **A psicanálise na civilização.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.

VERNANT, J.-P. **A Morte nos Olhos:** figuração do outro na Grécia Antiga, Ártemis e Gorgó. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

Recebido em maio de 2016.

Aprovado em setembro de 2017.

Publicado em junho de 2017.

SOBRE O AUTOR

Antonio Quinet doutor em Filosofia pela Université Paris 8; psicanalista, psiquiatra, dramaturgo e encenador. Fez sua formação psicanalítica em Paris nos anos 80 na Escola de Lacan quando foi professor assistente do Departamento de psicanálise da Université Paris VIII. É Analista Membro da Escola (AME) de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL), da qual é um de seus fundadores. Professor Adjunto do Mestrado e Doutorado de Psicanálise, Saúde e Sociedade da UVA onde desenvolve a pesquisa Teatro e Psicanálise. Fundou a Cia. Inconsciente em Cena em 2007 da qual é diretor com o objetivo de transmitir a psicanálise através do teatro. Pesquisador da FAPERJ com o projeto de Teatro e psicanálise, atualmente centrado na pesquisa que resultou no espetáculo Hilda & Freud - collected words, apresentado em Londres em 2013 e em elaboração em suas versões brasileira e castellana. É Professor convidado do Instituto de Psiquiatria da UFRJ e membro da Associação Brasileira de Psiquiatria. Co-editor da publicação francesa En-je Revue de Psychanalyse. Autor dos livros Teoria e clínica da psicose; (3ª ed., Forense Universitária), As 4+1

condições da análise (14ª ed.), A descoberta do inconsciente (4ª ed.), Um olhar a mais ver e ser visto na psicanálise (3ª ed.), A lição de Charcot, Psicose e laço social (2ª ed.), A estranheza da psicanálise - a Escola de Lacan e seus analistas, Os outros em Lacan (pela Jorge Zahar Editor), Artorquato (Editora 7letras), O Sintoma – variações freudianas 1, O Ato – variações freudianas 2, X,Y e S – o teatro íntimo de Strindberg (Giostri Editora). Organizador das coletâneas As homossexualidades na psicanálise (3ª edição) SEgmento Farma), Psicanálise e Psiquiatria, Extraviso do desejo e Na mira do Outro (ContraCapa). Autor de artigos publicados em revistas e livros na Argentina, Austrália, Brasil, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Inglaterra. Tradutor de Lacan no Brasil de vários artigos e responsável pelas versões dos Seminários 2 e 7 e de Televisão. Levou aos palcos as peças já editadas em livro e também *Ódipous, filho de Laios* – a história de Édipo rei pelo avesso Suas peças de teatro já foram encenadas em diversas capitais do Brasil assim como em Roma, Paris e Londres. Conferencista internacional transmitindo a psicanálise em português, inglês, francês e espanhol.
E-mail: antonioquinet@gmail.com